



ORIENTAÇÃO ESPORTIVA DE ATLETAS PERTENCENTES ÀS MODALIDADES DE REMO E NATAÇÃO ADAPTADOS

Márcia Greguol

Giovanna Carla Interdonato

Universidade Estadual de Londrina – Brasil

Hélio Serassuelo Júnior

Universidade Norte do Paraná – Brasil

Bianca Guidini Santaguita

Universidade Bandeirante – Brasil

Antônio Carlos Simões

Universidade de São Paulo – Brasil

Resumo: O objetivo do estudo foi analisar as tendências competitivas de atletas praticantes de natação e remo adaptados. Para tanto, foram selecionados 20 atletas com mais de um ano de prática nas modalidades de remo e natação adaptados: G1 = 10 atletas de natação adaptada e G2 = 10 atletas de remo adaptado. Todos os atletas responderam ao questionário de orientação esportiva (GILL; DEETER, 1988), que direciona o comportamento dos sujeitos em relação ao processo competitivo voltado à vitória, ao estabelecimento de metas e ao competir. Os valores entre os grupos foram comparados por teste de Mann-Whitney, e as associações, entre as tendências, idade e tempo de prática dos atletas por teste de correlação de Spearman. Os resultados indicaram que os atletas apresentaram tendência significativamente mais forte a estabelecer metas pessoais. Não houve diferenças entre os atletas da natação e do remo adaptados, embora este último grupo apresentasse idade superior e tempo menor na prática esportiva.

Palavras-chave: orientação esportiva; esporte adaptado; natação adaptada.

INTRODUÇÃO

A prática de atividades aquáticas, desde épocas antigas, sempre foi vista como uma possibilidade terapêutica interessante para pessoas com diferentes condições de saúde. Especificamente para pessoas com deficiência, a natação começa a ser encarada como opção de atividade física e esportiva a partir do final do século XIX. Inicialmente praticada por indivíduos com deficiência visual, auditiva e intelectual, ela passa a ser preconizada em meados do século XX também para indivíduos com restrições motoras (WINNICK, 2005).

Segundo Greguol (2010), especialmente após a Segunda Guerra Mundial, a prática esportiva para pessoas com deficiência, e, nesse contexto, também a natação, passa a ser incentivada em larga escala e a se espalhar pelos diversos continentes. Os focos de prática iniciais mais relevantes foram a Inglaterra e os Estados Unidos. No primeiro país, a prática da natação foi altamente vinculada à ideia de terapia, sendo desenvolvida dentro de hospitais e clínicas; já no segundo, a atividade foi vista como alternativa esportiva, praticada com finalidade competitiva ou para a melhora da aptidão física. No Brasil, aos poucos, a prática da natação para pessoas com deficiência vai conseguindo desvincular-se da noção de hidroterapia, embora ainda existam situações em que as atividades sejam confundidas.

A prática do remo adaptado, por sua vez, é muito mais recente, já que as primeiras práticas no Brasil ocorreram no Rio de Janeiro, na década de 1980, e, apenas em 2001, a modalidade foi formalmente reconhecida pelo Comitê Paraolímpico Internacional. Assim, de todas as modalidades esportivas adaptadas, o remo é a mais jovem nos Jogos Paraolímpicos, com sua inclusão ocorrendo apenas em 2008 (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2010).

Embora a noção terapêutica do esporte adaptado ainda seja percebida, pesquisas recentes indicam que diversos fatores motivacionais levam atletas com deficiência à sua prática, tais como o desejo de competir, de ser campeão, a busca de convívio social e de autossuperação (GIMENO et al., 2005; JORDÁN, 2006). Ao analisarem a motivação de 64 atletas de nível paraolímpico de nove modalidades esportivas, Samulski e Noce (2002) verificaram que os principais motivos levantados pelos atletas para a prática eram “ser campeão”, “conquistar medalhas” e “ser reconhecido”. Entretanto, ao compararem os atletas com diferentes tipos de deficiência, observaram que, para aqueles com deficiência visual, o objetivo de “ser campeão” não foi tão importante.

Quando são comparadas as tendências competitivas de atletas com e sem deficiência, verifica-se que, de modo geral, aqueles sem deficiência possuem uma orientação para a vitória significativamente mais acentuada do que aqueles do esporte adaptado (FLIESS-DOUER; HUTZLER; VALANDEWIJICK, 2003; SKORDILIS; KOUTISOUKI; ASONITOU, 2006; GREGUOL et al., 2008). Esses resultados podem ser ligados à ideia de que os atletas com deficiência, em geral, buscam na prática do esporte adaptado uma ferramenta para a superação de seus limites e para sua inclusão social.

Embora se perceba recentemente maior divulgação desse segmento, o esporte adaptado ainda carece de estudos específicos sobre as reais adaptações fisiológicas e psicossociais que pode gerar nos atletas com deficiência. Esse fato impossibilita que muitos indivíduos conheçam benefícios que a prática esportiva adaptada pode oferecer e usufruam deles. Entre esses benefícios destacam-se a melhora geral da aptidão física, um marcante ganho de independência e autoconfiança para a realização das atividades diárias, além de melhora do autoconceito e da autoestima (GREGUOL, 2010).

Com resultados cada vez mais surpreendentes, muitas vezes bem próximos aos do esporte convencional, os atletas no esporte adaptado também viram foco de pesquisas na área da psicologia do esporte. Desde os Jogos Paraolímpicos de 2000, em Sidney, a delegação paraolímpica tem sido acompanhada por um psicólogo específico para a atuação junto aos atletas (MELLO, 2002; MELLO; PASETTO, 2008). A preparação psicológica torna-se de extrema importância para o desenvolvimento do atleta, principalmente pelo fato de que o esporte paraolímpico ganha cada vez mais espaço em todo o mundo, inclusive no Brasil. A avaliação psicológica tem a finalidade de obter informações básicas sobre o perfil psicológico de cada atleta e sobre sua situação sociocultural, auxiliando e orientando melhor os trabalhos dos técnicos. Com o tempo, é possível comparar dados e analisar o desenvolvimento psicossocial e da *performance* de atletas. A compreensão das variáveis de comportamento dos atletas, bem como a verificação de suas orientações esportivas, pode ser um ponto fundamental para que treinadores motivem atletas rumo a resultados vitoriosos.

Em uma análise geral, Oliveira et al. (2006) destacam que a análise do comportamento das tendências competitivas em atletas torna-se fundamental na medida em que parte de um pressuposto, de motivações

intrínsecas (pessoais) e extrínsecas (ambientais), orientando o indivíduo/atleta em um processo mais amplo de empenho, determinação e satisfação. Assim, as ações esportivas suportam a motivação em parâmetros interativos com as tendências, isto é, atletas que apresentam um comportamento elevado para as tendências competitivas apresentam também uma sensação de satisfação diferenciada na concretização de seu trabalho.

Assim, tendo em vista a eminência do tema, o objetivo deste estudo foi verificar as orientações esportivas de atletas com deficiência praticantes de remo e natação adaptados, além das possíveis relações entre essas orientações e a idade e o tempo de prática dos atletas.

MÉTODOS

Este estudo caracterizou-se como descritivo, com delineamento transversal. Foram avaliados 20 atletas com deficiência motora, divididos em dois grupos: G1, composto por 10 atletas praticantes de natação adaptada, e G2, composto por 10 atletas praticantes de remo adaptado. Todos os atletas pesquisados possuíam pelo menos um ano de prática na modalidade esportiva e experiência em competições internacionais.

Foi aplicado aos atletas o questionário de orientação esportiva (GILL; DEETER, 1988), o qual já foi anteriormente traduzido e validado para a língua portuguesa (SIMÕES, 2003).

Esse questionário analisa as tendências competitivas de atletas e as qualifica em três comportamentos: TQ1 (tendência a competir), TQ2 (tendência a vencer) e TQ3 (tendência a estabelecer metas). A tendência a competir refletiria o prazer em competir em qualquer situação, independentemente da vitória; a tendência a vencer implica que o atleta busque a vitória como principal elemento do processo competitivo; a tendência a estabelecer metas implica que o atleta é determinado em estabelecer objetivos pessoais ou em desenvolver-se por meio do processo de vivência esportiva (GALLEGOS et al., 2002).

Os índices de competitividade individual foram analisados segundo os resultados de um conjunto de 25 questões objetivas distribuídas em uma escala de pontuações que varia de 1 a 5, a saber:

- Concordo totalmente – 1 ponto;
- Concordo em parte – 2 pontos;
- Indiferente – 3 pontos;
- Discordo em parte – 4 pontos;
- Discordo totalmente – 5 pontos.

Esse instrumento propicia entender o comportamento de atletas com a incumbência de atuar com competitividade dentro do contexto do esporte de rendimento e, especificamente neste estudo, com o esporte adaptado. Ressalta-se que o instrumento utilizado possibilita a visualização dos resultados finais em valores absolutos ou relativos (percentual), perfazendo uma escala que varia entre 25 e 125 pontos. A análise dos resultados obtidos por cada atleta deve ser vista de forma inversa, em que os menores valores atribuídos ao comportamento das tendências pessoais constituem suas maiores atribuições e/ou aspirações.

Para a análise estatística, foi utilizado o programa SPSS versão 17.0. A fim de se verificar a normalidade dos dados, utilizou-se o teste Shapiro-Wilks. Como os dados não apresentaram distribuição normal, foram adotados procedimentos não paramétricos. Assim, além da estatística descritiva, utilizou-se teste de Mann-Whitney para as comparações entre G1 e G2, Kruskal-Wallis para as comparações entre as tendências para cada grupo e correlação de Spearman para verificar as possíveis associações entre as tendências, idade e tempo de prática. Em todos os casos, adotou-se o nível de significância $p \leq 0,05$.

Todos os atletas participantes do estudo assinaram a um termo de consentimento livre e esclarecido. Esta pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual de Londrina (Parecer nº 116/08).

RESULTADOS

A Tabela 1 mostra os valores descritivos dos atletas das duas modalidades com relação à idade e ao tempo de prática esportiva.

Tabela 1
Valores descritivos de idade (anos) e tempo de prática esportiva (anos) dos atletas de natação (G1) e remo adaptados (G2).

	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
Idade G1	27,00	7,8	18	42
Tempo de prática G1	8,00	8,6	2	27
Idade G2	37,20	7,7	28	48
Tempo de prática G2	1,20	0,44	1	2
Idade geral	31,55	9,21	18	48
Tempo de prática geral	4,78	7,05	1	27

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos resultados do estudo.

Ao se realizar teste de Mann-Whitney entre os valores de idade e tempo de prática dos atletas da natação e do remo adaptados, verificaram-se diferenças significativas nas duas situações: os atletas do remo eram mais velhos e tinham tempo de experiência menor do que os atletas da natação.

Os valores atribuídos às variáveis comportamentais TQ1 (tendência a competir), TQ2 (tendência a vencer) e TQ3 (tendência a estabelecer metas) por modalidade são demonstrados na Tabela 2.

Tabela 2
Valores de média e desvio padrão das tendências competitivas e suas dimensões, competir (TQ1), vencer (TQ2) e estabelecer metas (TQ3) para atletas de natação (G1) e remo adaptados (G2).

Atletas	TQ1	TQ2	TQ3
Total (n = 20)	18,0 ± 5,36	11,0 ± 3,47	7,0 ± 1,33*
G1 (n = 10)	19,40 ± 6,18	11,50 ± 3,24	7,30 ± 1,33
G2 (n = 10)	16,6 ± 4,24	10,50 ± 3,80	6,70 ± 1,33

* $p \leq 0,05$.

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos resultados do estudo.

Os resultados obtidos no teste de Mann-Whitney das tendências entre G1 e G2 não evidenciaram diferenças significativas entre os grupos. Já o teste de Kruskal-Wallis, realizado entre as tendências dentro do grupo total dos atletas de natação e remo, mostrou que os valores da tendência a estabelecer metas pessoais foram significativamente mais fortes, enquanto a tendência a competir foi significativamente mais fraca.

Por fim, realizou-se teste de correlação de Spearman para analisar as possíveis relações entre as tendências competitivas, a idade e o tempo de prática dos atletas nas modalidades aquáticas. Os resultados obtidos estão sintetizados na Tabela 3.

Tabela 3

Correlação de Spearman entre a idade (ID), o tempo de prática (TP) e as tendências competitivas: competir (TQ1), vencer (TQ2) e estabelecer metas (TQ3).

	TQ1	TQ2	TQ3
ID	0,32 (p = 0,15)	0,37 (p = 0,10)	0,32 (p = 0,16)
TP	0,09 (p = 0,68)	0,24 (p = 0,30)	0,07 (p = 0,97)

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos resultados do estudo.

Pelos valores encontrados, evidencia-se que não existiram associações significativas entre as variáveis (WEBER; LAMB, 1970). Os atletas praticantes das modalidades aquáticas foram, ainda, divididos por grupos etários (menores de 30 anos e maiores de 30 anos) e por tempo de prática (menos de 3 anos e mais de 3 anos). Em seguida, procedeu-se ao teste de Mann-Whitney para verificar eventuais diferenças nas tendências competitivas entre os grupos. Novamente, não foram encontradas diferenças significativas, demonstrando que, para os atletas pesquisados, a idade e o tempo de prática na modalidade não interferiram de maneira significativa nos resultados obtidos na orientação esportiva.

DISCUSSÃO

Ainda que as atividades esportivas para pessoas com deficiência já tenham mais de um século de história, apenas nas últimas décadas passaram a ser encaradas como atividades de alto rendimento competitivo. Essa mudança na visibilidade do esporte adaptado aponta para um novo direcionamento das pesquisas na área, inclusive no que se refere às variáveis psicológicas dos atletas.

A competição é vista por Coakley (1994) como um processo social com base em recompensas baseadas no desempenho do próprio indivíduo. A análise do comportamento da orientação esportiva possibilita a técnicos e pesquisadores entender como o atleta percebe esse processo e direciona sua vida esportiva.

Neste estudo, os atletas pesquisados possuíam significativa experiência de prática esportiva e elevado nível de participação competitiva, e os resultados observados indicaram que a tendência a estabelecer metas evidenciou-se como mais forte do que as de vencer e competir. Quando se analisaram os atletas das modalidades aquáticas como um todo, a tendência a competir foi a menos evidenciada. Esses achados revelam que atletas com deficiência podem ser mais influenciados para permanecer na prática esportiva por fatores relacionados a objetivos intrínsecos, tais como a busca de autossuperação, reconhecimento e resultados pessoais cada vez melhores. Cabe ressaltar que todos os indivíduos da amostra apresentavam experiência em competições internacionais e que a maioria dos atletas da natação ainda fazia parte da equipe da seleção nacional, sendo considerados, portanto, pertencentes à elite do esporte adaptado no país.

Os atletas do remo adaptado, mesmo apresentando idades significativamente maiores e tempo de experiência menor de prática, não demonstraram tendências diferenciadas dos atletas da natação. Esse menor tempo de experiência na modalidade provavelmente se deve ao fato de que o remo adaptado tem história muito mais recente no país do que a natação. Entretanto, ainda que o tempo de prática fosse menor, todos os atletas pesquisados no remo também possuíam alguma experiência competitiva internacional e, da mesma forma que os atletas da natação, mostraram orientação esportiva mais evidenciada para o estabelecimento de metas pessoais.

Esses resultados não são compatíveis com os verificados em atletas de alto nível competitivo no esporte convencional. Em dois estudos realizados com atletas profissionais sem deficiência nas modalidades de judô e futebol, respectivamente, Serassuelo Júnior, Oliveira e Simões (2009) e Oliveira et al. (2006), foi observado que a orientação esportiva para a vitória, independentemente do sexo, aparece de forma determinante na análise do

processo competitivo dos atletas, transparecendo que, para esse grupo, a possibilidade de superar adversários ou um parâmetro externo qualquer se sobrepõe à orientação esportiva voltada ao estabelecimento de metas.

Segundo Brazuna e Castro (2001), existe uma diferença na atitude em torno da competição entre atletas com e sem deficiência. Para o primeiro grupo, a competição associa-se à superação da deficiência, e o segundo, à motivação externa provocada pelo adversário e pelas exigências da disputa. Outras pesquisas recentes apontam que, em muitas situações, atletas com deficiência mostram-se motivados para a permanência na prática esportiva porque se sentem fisicamente capazes de executar as habilidades e de melhorar suas habilidades de convívio social (LAMBROCINI et al., 2000; MARTIN, 2006).

Saito (2007), ao analisar 32 atletas com deficiência visual de modalidades coletivas quanto à sua motivação para a prática esportiva, observou que os motivos mais fortemente salientados pelos atletas para a prática foram relacionados à realização pessoal, à possibilidade de desempenhar um trabalho em equipe, à melhora da saúde, ao aprimoramento de habilidades e ao encontro com os amigos.

Além disso, Tasiemski, Gardner e Blaykley (2004), ao analisarem atletas com lesão medular adquirida, verificaram que a prática esportiva para esses indivíduos era altamente focada em reintegração social, melhora da autoimagem, redução da depressão e melhor ajuste à condição da deficiência. Observaram, ainda, que os atletas com lesão medular apresentavam menor preocupação com a vitória do que atletas sem deficiência.

A maior orientação para o estabelecimento de metas pessoais também já foi evidenciada em outros estudos. Skordilis, Koutisouki e Asonitou (2002), ao avaliarem 31 atletas de basquetebol em cadeira de rodas e 76 de basquetebol convencional, verificaram que os atletas com deficiência mostraram tendências competitivas mais fortemente voltadas para o estabelecimento de metas pessoais do que aqueles sem deficiência. Já os atletas sem deficiência mostraram tendências mais fortemente voltadas para vencer. Ainda em concordância com esses autores, Skordilis et al. (2003) verificaram que a orientação para vencer foi significativamente maior em atletas profissionais sem deficiência, em seguida em atletas amadores sem deficiência e, por último, em atletas com deficiência. Estes apresentaram tendência mais forte novamente ao estabelecimento de metas pessoais e para competir.

Embora o esporte adaptado para atletas com deficiência tenha atingido elevado *status* competitivo nos anos recentes, ainda se percebe que, para muitos praticantes, as motivações para a adesão e aderência às modalidades estão fortemente relacionadas a fatores não diretamente ligados à conquista da vitória. Como destacam Villas Boas, Bim e Barian (2003), as motivações para atletas com deficiência física praticarem esporte adaptado são principalmente focadas na busca de superar limites pessoais e dificuldades impostas pela deficiência. Especificamente a natação para pessoas com deficiência é vista por muitos praticantes como uma ferramenta capaz de trazer grande autonomia e independência funcional para indivíduos com deficiência (SILVA; OLIVEIRA; CONCEIÇÃO, 2005). Bodas, Lázaro e Fernandes (2007) salientam, ainda, que o esporte adaptado é considerado um veículo para a afirmação e demonstração de competência pessoal para muitos atletas com deficiência.

Weinberg e Gould (2008) afirmam que a competição esportiva é desenvolvida como um processo social que é experimentado pelos indivíduos, em um contexto simples e coletivo, no qual estes confrontam capacidades e habilidades para atingir um objetivo principal. A superação das limitações e o alcance da vitória proporcionado por ela podem ser relacionados à tendência a estabelecer metas, cujo aspecto central é melhorar o próprio desempenho, independentemente do ganhar ou perder durante a circunstância competitiva. Quando se afirma que o atleta com deficiência mostra maior tendência ao estabelecimento de metas pessoais, isso significa dizer que ele se orienta para um determinado ponto futuro visando, acima de tudo, superar as limitações internas e, conseqüentemente, propiciar alternativas que levem a uma evolução pessoal.

As barreiras impostas para a prática esportiva por indivíduos com deficiência, em geral, são muito mais pronunciadas do que atletas sem deficiência. Ainda assim, Teodoro (2006), ao coletar relatos de experiências

de atletas paraolímpicos, observou que, mesmo com barreiras como transporte inadequado, falta de acessibilidade arquitetônica, carência de apoio e divulgação, eles percebiam no esporte a oportunidade de superar as adversidades e se tornar campeões nas modalidades de sua preferência.

Uma possível limitação deste estudo, além da amostra reduzida, foi o fato de não ter sido analisada a gravidade da deficiência. A maior ou menor restrição imposta pela deficiência pode ser um fator que influencia na tendência a estabelecer metas de superação do atleta. Apesar disso, Fliess-Douer, Hutzler e Valandewijck (2003), ao analisarem 59 atletas de basquetebol em cadeira de rodas, não constataram diferenças significativas nas tendências competitivas quando estas foram correlacionadas à classificação esportiva dos atletas.

Os resultados observados entre os atletas estudados apontam, de modo geral, para a orientação esportiva mais focada no estabelecimento de metas do que na competição e na vitória em si, apesar de esse fato não ter impedido que esses atletas apresentassem desempenhos competitivos e conquistas cada vez mais elevadas.

Destaca-se, ainda, que o estabelecimento de metas permite que o atleta tenha objetivos específicos em um padrão de competência previamente estabelecido, geralmente dentro de um tempo ou um período. Essa tendência permite que o atleta defina seu caminho e, a partir desse comprometimento, ajuste todo o processo competitivo e reflita sobre ele – baseado na vitória e derrota.

Contudo, esses dados podem servir de alerta para técnicos e dirigentes esportivos no sentido de que, para esses atletas, mais do que medalhas ou recordes, a principal vitória a ser buscada talvez seja a retomada do controle de suas vidas, da estima por sua imagem e da confiança de que podem levar uma vida autônoma, crenças normalmente abaladas pela deficiência.

CONCLUSÃO

Os resultados obtidos neste estudo permitem concluir que, para os atletas de modalidades aquáticas pesquisados, a orientação esportiva é focada mais fortemente no estabelecimento de metas pessoais. Ainda entre os atletas com deficiência, a tendência menos evidenciada foi a de competir. Não foram observadas diferenças entre as tendências apresentadas por atletas da natação e do remo adaptados, ainda que aqueles do segundo grupo tivessem idade mais avançada e tempo de prática esportiva menor.

Sugerem-se outras abordagens de estudos dentro do contexto do esporte adaptado, explorando diferentes modalidades esportivas, tipos e níveis de deficiência, além de atletas de variados patamares competitivos, a fim de que as informações obtidas possam colaborar com técnicos e professores na elaboração de suas condutas durante o treinamento esportivo.

SPORT ORIENTATION OF ATHLETES PRACTICING ADAPTED ROWING AND ADAPTED SWIMMING

Abstract: The purpose of this study was to verify competitive tendencies of athletes practicing adapted swimming and adapted rowing. For that, 20 athletes with disabilities (G1 = 10 athletes of adapted swimming and G2 = 10 athletes of adapted rowing) answered to the Sports Orientation Questionnaire (GILL; DEETER, 1988). The results of both groups were compared through the Mann-Whitney test and relations among tendencies, athletes' age, and practice time were verified through the Spearman correlation. Results indicated the tendency of establishing goals was significantly stronger. There was no difference between athletes of adapted swimming and adapted rowing, even though the latter group presented superior age and less time

of sport practice. Usually, these behaviors aren't observed in athletes with the same competitive level of conventional sport. This fact shows that, for athletes with disabilities, sport practice seems to be more closely associated to overcoming than to the competition and winning.

Keywords: sport orientation; adapted sport; adapted swimming.

REFERÊNCIAS

- BODAS, A.; LÁZARO, J.; FERNANDES, H. Perfil psicológico de prestação dos atletas paraolímpicos – Atenas 2007. **Motricidade**, Lisboa, v. 3, n. 3, p. 33-43, set. 2007.
- BRAZUNA, M. R.; CASTRO, E. M. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento – uma revisão de literatura. **Motriz**, Rio Claro, v. 7, n. 2, p. 115-123, abr. 2001.
- COAKLEY, J. **Sport in society: issues and controversies**. St. Louis: Times Mirror, Mosby College, 1994.
- COMITÊ PAROLÍMPICO BRASILEIRO – CPB. **Remo**: descrição e histórico. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br>>. Acesso em: 1º jul. 2010.
- FLIESS-DOUER, O.; HUTZLER, Y.; VALANDEWIJCK, Y. C. Relation of functional physical impairment and goal perspectives of wheelchair basketball players. **Perceptual and motor skills**, Missoula, v. 96, n. 1, p. 755-758, jan. 2003.
- GALLEGOS, S. S. O. et al. Competitividade e performance esportiva em tenistas profissionais. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 144-159, jul. 2002.
- GILL, D. L.; DEETER, T. E. Development of the sport orientation questionnaire. **Research Quarterly in Exercise and Sport**, Reston, v. 59, n. 3, p. 191-202, Sept. 1988.
- GIMENO, E. C. et al. Goal orientations, contextual and situational motivational climate and competition goal involvement in Spanish athletes. **Psicothema**, Asturias, v. 17, n. 4, p. 633-638, Oct. 2005.
- GREGUOL, M. **Natação adaptada: em busca do movimento com autonomia**. São Paulo: Manole, 2010.
- GREGUOL, M. et al. Tendências competitivas de atletas no esporte adaptado. **Arquivos Sanny de Pesquisa em Saúde**, Santos, v. 1, n. 1, p. 18-25, jul. 2008.
- JORDÁN, M. A. T. Desporto paraolímpico: desenvolvimento e perspectivas. **Conexões**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 1-18, abr. 2006.
- LAMBROCINI, R. H. D. D. et al. Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade. **Arquivos de Neuropsiquiatria**, São Paulo, v. 58, n. 4, p. 1092-1099, out. 2000.
- MARTIN, J. J. Psychosocial aspects of youth disability sport. **Adapted Physical Activity Quarterly**, Champaign, v. 23, n. 3, p. 65-77, May 2006.
- MELLO, M. T. **Paraolimpíada Sidney 2000: avaliação e prescrição do treinamento dos atletas brasileiros**. São Paulo: Atheneu, 2002.
- MELLO, M. T.; PASETTO, C. V. R. F. Protocolos para avaliação física e fisiológica em pessoas com necessidades especiais. In: GREGUOL, M.; COSTA, R. F. **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. São Paulo: Manole, 2008.

OLIVEIRA, S. R. S. et al. Futebol feminino de competição: uma análise das tendências do comportamento das mulheres/atletas em competir, vencer e estabelecer metas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 209-218, jul. 2006.

SAITO, S. P. D. Motivos que levam indivíduos portadores de deficiência visual a participarem de atividades desportivas adaptadas de alto nível. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, v. 15, n. 2, p. 20-32, jul. 2007.

SAMULSKI, D.; NOCE, F. Perfil psicológico de atletas paraolímpicos brasileiros. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 157-166, out. 2002.

SERASSUELO JÚNIOR, H.; OLIVEIRA, S. R. S.; SIMÕES, A. C. Avaliação das tendências competitivas de atletas de judô: uma análise entre gêneros. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 20, n. 4, p. 519-528, out. 2009.

SILVA, M. C. R.; OLIVEIRA, R. J.; CONCEIÇÃO, M. I. G. Efeitos da natação sobre a independência funcional de pacientes com lesão medular. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 251-256, out. 2005.

SIMÕES, A. C. As equipes de futebol e o poder das instituições: uma visão psicossociológica do comportamento institucionalizado. In: COZAC, J. R. **Com a cabeça na ponta da chuteira**. São Paulo: Annablume, 2003.

SKORDILIS, E. K.; KOUTISOUKI, D.; ASONITOU, K. Comparison of sport achievement orientation between wheelchair and able-bodied basketball athletes. **Perceptual and Motor Skills**, Missoula, v. 94, n. 1, p. 214-218, Jan. 2002.

_____. Comparison of sport achievement orientation of male wheelchair basketball athletes with congenital and acquired disabilities. **Perceptual and motor skills**, Missoula, v. 103, n. 3, p. 726-732, May 2006.

SKORDILIS, E. K. et al. Comparison of sport achievement orientations of male professional, amateur, and wheelchair basketball athletes. **Perceptual and Motor Skills**, Missoula, v. 97, n. 2, p. 483-490, Mar. 2003.

TASIEMSKI, T.; GARDNER, B. P.; BLAYKLEY, R. A. Athletic identity and sports participation in people with spinal cord injury. **Adapted Physical Activity Quarterly**, Champaign, v. 21, n. 4, p. 364-378, Oct. 2004.

TEODORO, C. M. **Esporte adaptado de alto rendimento praticado por pessoas com deficiência: relatos de atletas paraolímpicos**. 2006. 135 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento)– Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

VILLAS BOAS, M. S.; BIM, R. H.; BARIAN, S. H. S. Aspectos motivacionais e benefícios da prática do basquetebol sobre rodas. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 14, n. 2, p. 7-11, abr. 2003.

WEBER, J. C.; LAMB, D. R. **Statistics and research in physical education**. St. Louis: Mosby, 1970.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do exercício e do esporte**. 4. ed. São Paulo: Artmed, 2008.

WINNICK, J. **Adapted physical education and sport**. Champaign: Human Kinetics, 2005.

Contato

Márcia Greguol

Rodovia Celso Garcia Cid, Pr 445, Km 380, Campus Universitário

Londrina – PR – Brasil – CEP 86051-990

E-mail: mgreguol@gmail.com

Tramitação

Recebido em 23 de agosto de 2010

Aceito em 9 de fevereiro de 2011